

Beleza e sabedoria no reino de Sabá



Feliz Arábia! Feliz Sabá!

Conhecido como o País das Mil Fragrâncias, Sabá possuía florestas densas de incenso e mirra, que exalavam nuvens de perfume para longe sobre o mar.

Os sabeus acreditavam que somente as pessoas espiritualmente elevadas podiam ter influências benéficas sobre o povo, que vivia envolto por beleza, felicidade e alegria.

Há muito tempo na Terra... e durante milhares de anos, existiu entre os seres humanos uma verdadeira sabedoria! Não uma sabedoria voltada apenas para invenções, descobertas e conhecimentos terrenos, mas sim uma sabedoria muito mais abrangente. Ela referia-se à vida, às conexões do ser humano com o universo e a tudo aquilo que o rodeia.

Por meio dessa ampla sabedoria, os seres humanos colhiam apenas paz e felicidade. Não conheciam guerras, tragédias, nem doenças. Não tinham problemas uns com os outros, não invejavam ou roubavam. Ao contrário, trabalhavam juntos com humildade e gratidão, sempre de maneira construtiva. Sentiam-se constantemente impulsionados para um mesmo ideal.

Em um determinado momento, quando a mentira e o egoísmo começaram a se infiltrar entre as pessoas, a sabedoria outrora pura e límpida começou a turvar-se. O anseio dos seres humanos também se modificou... Cada um agora pensava apenas em si mesmo.

Muitos povos começaram a decair nessa época; surgiram embates, guerras, catástrofes e doenças.

Alguns povos isolados, porém, em virtude da fidelidade e pureza de seus habitantes, permaneciam firmes e intocados pela mentira. A antiga e verdadeira sabedoria ainda imperava. Grandes líderes, sempre alertas, zelavam pelo seu povo!

Dentre estes últimos encontrava-se o reino de Sabá, situado a sudoeste da Arábia!

Seus habitantes conservavam pura uma doutrina construída na verdade e no saber das leis da Criação, e nela pautavam suas vidas.

“Sirwah, a capital de Sabá, chamada então Marib, permaneceu durante séculos um centro de pura adoração a Deus. Todo o país assemelhava-se a um paraíso, onde amor e harmonia reinavam, e todas as criaturas viviam conjuntamente em paz.”



Muitas histórias ocorreram nesse maravilhoso reino, repleto de beleza e riquezas!

A envolvente narrativa de Roselis von Sass resgata a personalidade de Biltis, a imponente Rainha de Sabá, conhecida em algumas tradições por Balkis ou Bilkis, e descreve sua longa viagem para o histórico encontro com o Rei Salomão.

As fragrâncias e os incensos que eram conhecidos e levados para outros países; o ouro e a prata que ornavam as vestes e as construções dos sabeus; suas músicas; seus elevados costumes; a diferenciada educação das crianças; a íntima ligação dos seus habitantes com a natureza; a saudade de uma beleza e esplendor outrora existentes, como que em imagens vivas, é o que a autora nos consegue transmitir através deste fascinante livro!

“O País das Mil Fragrâncias, assim os forasteiros denominavam o reino de Sabá, situado a sudoeste da Arábia. Os próprios sabeus denominavam-no ‘Ophir’, o país do ‘aroma dourado’, pois toda a sua riqueza provinha das aromáticas resinas das árvores de incenso, de mirra e de bálsamo. A mistura dessas três espécies de resina seguia para o Egito, Grécia, Média, Babilônia, Assíria, Índia e assim por diante, trazendo em troca objetos de vidro, ferramentas, pérolas, pedras preciosas, tecidos caros, corantes e produtos terapêuticos.

Não havia, em todos esses países, uma única solenidade nos templos, não importando de que espécie

fosse, que não utilizasse a mistura de fragrâncias de Sabá. As resinas aromáticas eram espalhadas em forma de grãosinhos sobre os incensórios sempre preparados. A fumaça que se elevava deveria indicar que os pensamentos das pessoas reunidas, preparadas para a devoção, estavam igualmente dirigidos para cima.

Com razão chamava-se Sabá, o País das Mil Fragrâncias. Nas regiões costeiras cresciam árvores de bálsamo e cássias, e o interior do país estava coberto de densas florestas de árvores de incenso e de mirra. De acordo com as correntezas do vento, nuvens de perfume eram levadas para longe sobre o mar, de modo que navegadores que passavam em seus veleiros também ganhavam a sua parte..”

Biltis, a Rainha de Sabá

Desde criança, Biltis recebeu belos e verdadeiros ensinamentos. Era uma rainha jovem e logo seria grande e forte, superando todos em espírito.

Vestia uma maravilhosa roupa branca e uma couraça de ouro. A coroa de Sabá cingia o penteado alto de seus cabelos cor de mel.

Biltis instruía seu povo, exercia sua elevada missão com verdade e justiça, difundindo somente paz e beleza ao seu redor!

Biltis era filha do rei Balak e da rainha Sarabeth. Era radiante, alegre e inteligente desde menina. Como outras crianças, havia sido educada na escola do

mestre e sábio Bildad. Desde pequena sabia que um dia seria rainha, e às vezes falava como se também já soubesse qual a missão que a aguardava e como deveria agir.

“Depois de algum tempo, Petosiris rompeu o silêncio quase opressor e perguntou a Biltis, sorrindo, como ela imaginava realmente a vida como rainha. Biltis sorriu para o alto e sério egípcio, olhando depois para Bildad, em busca de ajuda.

— Começa sossegadamente, Biltis, sabes tudo sobre a dignidade real, disse ele, encorajando...

— O encargo real acarreta muito trabalho e deveres, começou ela lentamente. Em primeiro lugar tenho de sempre pensar no povo e cuidar para que nada lhe falte e para que as crianças aprendam o que necessitam para a vida. O mais importante são os sacerdotes. Verdadeiros sacerdotes que instruem o povo na crença certa... Para uma doutrina falsa, não haverá lugar em Sabá. Um povo que sabe o que o onipotente Criador espera de Suas criaturas é alegre e feliz. Nunca desejará algum mal a outrem...

Biltis fez uma pausa, olhando algo insegura para o pai.

— Fala, minha filha. Eu adivinho o que queres dizer.

— Não quero ter magos no país, e nem festas nos templos realizadas à noite, disse ela rapidamente. Durante a noite os seres humanos devem descansar em seus leitos. A noite terrena pertence aos animais,

às plantas e à água. Os seres humanos apenas perturbam...

Ambos os egípcios olhavam-na comovidos, acenando-lhe concordantemente.

— De início serei apenas uma pequena rainha. As pessoas mal notarão a minha presença. Se, porém, eu provar que sou digna de ser rainha, então crescerei com a minha missão e me tornarei grande e forte. Tão grande e forte, que superarei meus semelhantes em espírito. Somente quando eu superar todos, é que verão em mim a sua regente, dando-me sua confiança. Durará talvez anos, até que eu supere todos...

Biltis calou-se e pensou. Não se lembrando de mais nada, olhou interrogativamente para Petosiris.”

Bem jovem, Biltis já dizia que quando crescesse visitaria Salomão, o rei dos judeus... Anos antes de sua viagem, porém, foi o rei David que lhe aparecera em sonho, falando-lhe a respeito de Salomão e sobre a vinda de Jesus, que em breve nasceria na Terra.

David falava-lhe sobre Jesus:

“Ele virá como Emissário de Seu onipotente Pai, vivendo entre os judeus e ensinando. Seis reis foram escolhidos para guiar esse povo até a época do prometido Filho de Deus. Eu fui o primeiro rei ao qual cabia essa missão. Exigia-se dos membros do povo escolhido que eles se orientassem exatamente segundo os mandamentos. A mesma

exigência dizia respeito também a nós, os reis. É dever de cada rei prestar a máxima atenção para que os mandamentos sejam seguidos, e para que os seres humanos por eles guiados se tornem cada vez mais dignos de servir ao prometido Filho de Deus.”

Biltis agora sabia... O reinado de Salomão teria de preparar as almas do povo de Israel, despertando-as para a vinda de Jesus, que em breve nasceria naquele país...

Chegara, pois, o dia da coroação de Biltis, que a partir de então passaria a reinar sobre os sabeus, tornando-se finalmente a célebre Rainha de Sabá!

“Novamente ecoou um som de corneta. Dessa vez, Dankali e Tabari subiram os degraus. No terceiro ficaram parados, aguardando. Suaves sons de harpas e flautas enchem o grande salão do templo. Ao mesmo tempo nos telhados do templo as trombetas anunciavam que a jovem rainha estava caminhando para a coroação.



Biltis levantou-se de seu trono, caminhando até os degraus do altar. Ela usava uma capa de cor púrpura que lhe caía dos ombros e terminava numa longa cauda. Enquanto ela caminhava, raios de sol caíam de uma abertura do teto para o grande salão, fazendo brilhar os quadros de ouro nas paredes, as trepadeiras de ouro nas colunas e os elmos de ouro dos dois sacerdotes. E esses raios envolviam-na também. Sua couraça dourada sobre o peito, as decorações de ouro em sua saia vermelho-púrpura, bem como as fivelas de ouro que prendiam a capa, brilhavam maravilhosamente no clarão da luz solar que irrompia.

A música cessara e um silêncio absoluto reinava no grande recinto. Os olhos de todos estavam dirigidos para a esbelta moça envolta em púrpura e ouro, subindo agora os degraus do altar. Biltis não tinha consciência dos tantos olhares que a seguiam. Durante os poucos momentos da subida, realizou-se nela uma profunda transformação. Os véus que encobriam o passado e o futuro desfizeram-se, e ela de um momento para o outro se tornou ciente de sua missão.”

A beleza e os costumes do reino

Por seu alegre atuar e merecimento, os sabeus viviam na Terra envoltos por beleza e esplendor.

Suas canções, de natureza comovente, despertavam nas almas o anseio pela Luz.

A tranquilidade, os maravilhosos perfumes, as casas enfeitadas de ouro no meio de tantos jardins... como era benfazeja a vida em Sabá!

Sabá, o País das Mil Fragrâncias narra em detalhes vários daqueles que eram os costumes do povo sabeu, seu modo de vida, suas comemorações festivas sempre repletas de significado e de ensinamentos.

Uma narrativa emocionante, que nos proporciona um quadro exato da beleza e da nobreza que caracterizavam a figura dos sabeus.

“A Festa do Ano-Novo era a mais importante do ano todo, pois cada um que se sentisse de algum modo ligado aos sabeus vinha a Sirwah para coparticipar das comemorações que duravam sete dias. Era um panorama rico em cores, quando os xeques dos mineus e himiaritas, descendendo em parte ainda de estirpes reais, entravam solenemente montados em seus camelos e cavalos, festiva e ricamente adornados. Seguiam-nos os grandes chefes beduínos e os xeques dos povos das montanhas, em cujos cintos estavam presas espadas curvas em bainhas artisticamente trabalhadas. Todos vinham acompanhados de grande comitiva. Pela cor de seus burnus, logo se reconhecia a que tribo pertenciam. Esses burnus eram de cor branca, preta, vermelha viva, amarela, marrom ou listrados. Também os aros, com os quais prendiam seus lenços de cabeça, geralmente brancos, eram muito diferentes em seu feitio. Todos os visitantes de fora, que vinham para

a Festa do Ano-Novo, alojavam-se em tendas que traziam junto, montando-as ao redor da cidade.”

Em Sabá, os sacerdotes buscavam ensinar e auxiliar o povo através de uma doutrina livre de dogmas, difundindo a verdade também através de seus coros e canções.

“Quando então as trombetas da montanha ecoaram das alturas, fumaça aromática elevou-se de todos os incensórios que sempre se encontravam nos telhados achatados das casas. Ao mesmo tempo um sacerdote acendeu, com uma tocha, a pilha de lenha de muitos metros de altura, montada no Parque da Lua. A multidão ali reunida olhou para cima como que em êxtase, para a chamejante fogueira da alegria, acendida em honra de Almaka, o senhor do Sol. Sua atenção, porém, logo foi desviada, pois cerca de cinquenta sacerdotes, em suas longas vestes solenes de cor vermelha, haviam se reunido nas sacadas do templo, começando a entoar seus hinos em louvor à natureza.

Os maravilhosos coros dos sacerdotes constituíam sempre pontos culminantes por ocasião de



todos acontecimentos templários. Os textos das canções e as melodias cantadas por eles eram de uma natureza comovente, que achavam o caminho para as almas humanas, despertando nelas o anseio pela Luz.”

A escola de sabedoria de Bildad

Bildad contemplava com carinho as crianças e as ensinava com especial atenção, para que pudessem desenvolver-se espiritualmente no sentido certo.

Seus alunos se aproximavam, sentavam-se silenciosos em suas almofadas e o olhavam com alegria e tímida admiração.

As mais bonitas histórias que conheciam, haviam escutado de Bildad.

Compreendiam-no nitidamente pela simplicidade e dedicação dos seus ensinamentos, sempre ligados à natureza.

Bildad, desde jovem muito sábio, era sempre solícito e bondoso, pronto a auxiliar onde fosse necessário. Em sua escola ele ensinava sobre a vida, e discorria com naturalidade sobre diversos assuntos espirituais.

Seus ensinamentos eram direcionados para um atuar nobre do ser humano, em seu pensar, falar e agir. Ele falava sobre a vida e a morte, sobre espírito, alma e corpo.

Em relação ao destino das criaturas humanas ele dizia: “cada ser humano há de se tornar guardião de seu destino!”, e demonstrava como deveriam



proceder para que não interferissem no equilíbrio e na harmonia do seu ambiente, atraindo decepções futuras.

Bildad também ensinava sobre os grandes e pequenos construtores da natureza, o amor e imprescindível auxílio que eles ofereciam aos seres

humanos, e como estes deveriam constantemente retribuir com sua fidelidade e gratidão.

“Bildad era um homem com seus trinta anos, a quem era permitido usar o raro título de ‘sábio’. Seu pai, um dignitário sabeu, havia-o mandado, quando tinha a idade de quinze anos, para a célebre escola de templo, em Acad. Ao terminar seus estudos, os quais duraram dez anos, foi-lhe conferido o grau de sábio. De volta para Sabá, ele logo fundou uma escola para os moços desejosos de se ocuparem mais intensamente com os mistérios da vida. Ao mesmo tempo ele ensinava os filhos dos dignitários, entre os quais também se encontrava a filha de doze anos do rei. Ele ensinava essas crianças, que mais tarde ocupariam posições de liderança no país, com especial atenção, para que pudessem desenvolver-se espiritualmente no sentido certo.

Bildad, pois, dizia a si mesmo, com razão, que somente pessoas espiritualmente elevadas poderiam ter influências benéficas sobre um povo.”

O saber espiritual dos sabeus

Sabá, o País das Mil Fragrâncias nos mostra principalmente como o povo sabeu ainda nutria um grande anseio pelo saber espiritual, o que já não mais ocorria em muitos outros povos da Terra.

Rei Balak e seus valiosos papiros fizeram reviver os ensinamentos dos sábios caldeus, ligados à construção da Grande Pirâmide do Egito. Petosiris e Arnpeh, sacerdotes egípcios em visita ao Reino de Sabá, trouxeram conhecimentos sobre Moisés e um misterioso príncipe do deserto.

“Balak indicou para o papiro, convidando todos a se aproximarem.

— Vedes aqui dois traços que se cruzam exatamente no meio. É o signo do Criador. No papiro esse signo anuncia a vinda de um Enviado do onipotente Criador. Esse Enviado, que se denominava ‘Espírito de Deus’, viveu exatamente na época aqui indicada, como príncipe árabe na Terra. Ele ligou Moisés com as forças da natureza, a fim de poder libertar os israelitas... O príncipe parece ter falecido moço ainda, pois quando apareceu a Moisés, no monte Horeb, a fim de dar-lhe os mandamentos, ele já havia deixado a Terra.

Balak andou mais alguns passos até uma segunda mesa, onde Petosiris, também com muito cuidado, desenrolava um papiro.

— A profecia indicada neste papiro, Arnpeh escreveu-a de memória. Foi encontrada num pedestal de um templo egípcio. Aqui estais vendo o mesmo sinal da cruz!

Balak esperou até que todos houvessem visto o signo, continuando a seguir:

— A data aqui diz que daqui a novecentos anos, mais ou menos, novamente um Enviado de alturas máximas viverá como homem entre os seres humanos na Terra. Ele será chamado ‘Príncipe da Paz, Auxiliador e Salvador’, pois Ele quer reconduzir para a Luz o povo que viverá, já na época de sua vinda, na escuridão espiritual, a fim de que possa ficar preservado da queda definitiva. Esse Príncipe da Paz nascerá no país dos judeus!”

Os sabeus, já naquela época, tinham notícia e guardavam em suas almas o conhecimento a respeito de um julgamento final que viria sobre a humanidade, milênios depois... ■

Roselis von Sass

Nascida na Áustria, Roselis von Sass (1906–1997) veio para o Brasil ainda jovem.

O sentido mais profundo da existência, com seus ensinamentos, foi sempre o principal objetivo dessa extraordinária escritora. Muito cedo sua alma sensível aprendeu a discernir a realidade das aparências, concluindo que: “Não é o lugar em que nos encontramos nem as exterioridades que tornam as pessoas felizes; a felicidade provém do íntimo, daquilo que o ser humano sente dentro de si mesmo”.

Tudo o que aconteceu no decorrer dos tempos ficou registrado e guardado. Nada se perdeu. Pode-se dizer também que toda a vida humana que se iniciou há milhões de anos foi filmada e arquivada, até que todos os destinos humanos se cumpram na lei da justiça divina.

E a autora possuía, como característica marcante de sua personalidade, o dom de perscrutar esse passado, narrando a extensa tecedura de acontecimentos que ficaram gravados no grande livro do viver humano.

Sua vida laboriosa e fecunda foi sempre dirigida pelo “amor”. Amor à natureza com todas as suas criaturas; amor aos seres humanos e, sobretudo, um profundo e fiel amor ao Criador. ■

Sabá, o País das Mil Fragrâncias

Roselis von Sass



O livro traz de volta a sabedoria e os perfumes do lendário Reino de Sabá, situado ao sul da Península Arábica, terra da mirra, do bálsamo e do incenso. Sabá dos valiosos papiros com os ensinamentos dos antigos “sábios da Caldeia”. Sabá de Biltis, a rainha que desperta ainda hoje o interesse de pesquisadores e que empreendeu a famosa viagem em visita ao célebre rei judeu, Salomão. ■

Brochura e e-book • 416 p.

Consulte lista de livros em nosso site: www.graal.org.br

O livro *Sabá, o País das Mil
Fragrâncias* traz de volta a sabedoria
e os perfumes do lendário Reino de
Sabá, situado ao sul da Península
Arábica, terra da mirra, do bálsamo e
do incenso. Sabá dos valiosos papiros
com os ensinamentos dos antigos
“sábios da Caldeia”. Sabá de Biltis,
a rainha que desperta ainda hoje
o interesse de pesquisadores e que
empreendeu a famosa viagem em
visita ao célebre rei judeu, Salomão.

